



1935—MARÇO
UM ESCUDO

Pag. 4

Pag. 10

Companhia União Fabril

LISBOA

Tem em depósito em Lagos:

Adubos para todas as sementes, aos melhores preços do mercado.

Oleo de mendobi para conservas e consumo.

Azeite extra para conservas.

Presta todos os esclarecimentos:

JOSÉ DE ABREU PIMENTA

Rua Lima Leitão - Lagos

Cimento «SECIL»

Produzido em forno metálico rotativo.

As mais altas resistências.

Regularidade absoluta.

Agente Geral para o Sul do Paiz:

José Guilherme dos Santos

Em Lagos:

**J a i m e
Palhinha**



Minhas Senhoras

Quereis as vossas cabeças bonitas e com pouco dispêndio?

Chamai o cabeleireiro

Cândido Soares

Mise en-plis	7\$50
Marcel	7\$50
Corte	3\$00
Corte e ondulação	10\$00

Barbearia «A CHIC»

Praça Gil Eannes

Costa de Oiro

REVISTA MENSAL DE PROPAGANDA REGIONALISTA

Director:

CAPITÃO JOSÉ DOS REIS LÁZARO

Editor:

ANTÓNIO DA COSTA FERREIRA

Patrocinada pela

Comissão de Iniciativa

e Turismo de Lagos

Propriedade da Tipografia Ferreira

Redacção e Administração

Rua Marquez de Pombal, 11-Lagos

MARÇO - 1935 N.º 3

Turismo

Por Leonel Vieira

A aproximação da época em que deverá estar concluída a estrada que, por Odeceixe e Aljezur, entra no Algarve, dá uma maior acuidade à necessidade de se montar em Lagos um hotel.

O viajante vindo de Lisboa, cansado duma viagem que, apesar de encurtada, ainda será longa e fatigante, desejoso de visitar Sagres que no Algarve será, cada vez mais, um centro de atracção irresistível, quererá por certo descansar aqui, saboreando já o ambiente marítimo onde outrora lucilaram as primeiras audácias das descobertas, vendo já algo das belezas da costa marítima algarvia, e seguindo depois para Sagres.

Quererá Lagos, num momento, como nenhum outro oportuno e decisivo, deixar perder a possibilidade de marcar uma posição razoável dentro da actividade turística progressiva do Barlavento algarvio? Não querendo deixar perdê-la, haverá de buscar

uma solução a este velho problema. Como? Poderemos contar com alguma iniciativa particular que o enfrente? Parecer-me-ia muito razoável esperar que no comércio, a actividade que mais tem a lucrar com o desenvolvimento turístico local, alguém pensasse em chamar a si essa questão. E se de momento fôsse difícil obter o numerário indispensável para organizar um hotel, poder-se-ia começar por um «restaurant», espaçoso e atraente, dispondo, no pavimento superior, de meia dúzia de quartos em condições modernas. Isso marcaria o ponto de partida, permitindo-nos realizar, pouco a pouco, amparados e animados pelos resultados colhidos, obra de maior vulto e melhor actuação. Seria uma espécie de sopa de pedra, que, de água simples e sem valia, faria um caldinho suculento e apetitoso. Uma casa bem situada e espaçosa, a inversão duns 50 a 70 contos na adaptação e tudo se arranjará. Quem o fizesse teria lançado à terra uma semente pronta a embeber raízes nas leivas boas e a erguer para o sol alguma corola gentil.

Assim se caminharia para o hotel. Mas como, se somos cegos, surdos e abúlicos? Há em Lagos, a concurso, um lugar de benemérito. Quem concorre? Quem o fizer,

LISBOETAS

Por LÚCIO

Acabamos de descer tranqüilamente o Chiado.

Nesta Lisboa desenvolta, repleta de ruídos, cintilante de montras, as mulheres banalizam-se. Bôcas desenhadas a «baton», dum «rouge» impertinente e incompreensível, sobrolhos geomêtricamente lineares, faces fartamente coloridas, dão a impressão de terem sido feitas em série, nalgum armazém de bonecas.

Senhoras portuguêsmente morenas, de olhos escuros bem expressivos, que outrora conheci, surgem-me extraordinariamente loiras, extraordinariamente brancas, extraordinariamente irreconhecíveis. Há um tipo de mulher, todo contradições, manequim vivo dalgum grande armazém de Paris, que deu o modelo que servilmente a lisboeta busca reproduzir. Compreendo a confusão dos noivos e dos maridos perante esta falta de nota pessoal, que individualize a elegância, exteriorize o espírito e permita lobrigar, embora longinquamente, uma alma sensível de mulher.

Para mim, provinciano insignificante, alegremente alheio ao galicismo da moda, uma resolução julgo necessária, para que possamos distinguir entre as damas uniformemente pintadas, uniformemente loiras e uniformemente impessoais, que aqui nos rodeiam. Para evitar trocas, confusões e embaraços correlativos proponho que sejam, desde já, numeradas...

A NEVE

Por FERREIRA

Que mística fantasia preparava o Céu, no mês findo, atapetando os nossos campos dum manto de alvura imaculada?

Cair neve no Algarve, seria para nós quasi um sonho, se os nossos olhos não se abrissem numa manhã para este espectáculo tão estranho entre nós: nas serras, nos montes e pelos caminhos, um mesmo manto alvíssimo uniformizava os tons. Aqui e além, algumas amendoeiras de floração retardatária, deixavam cair, ao sôpro da viração, as pétalas das suas últimas flores, parecendo querer dar o perfume da sua vida, duma vida que já fenecia, a este gélido cendal que o sol, a breve trecho, dissipava.

Por algumas horas apenas o lindo Algarve evocava a beleza panorâmica das regiões nórdicas.

se não ganhar, a coroa das consagrações atenienses, colherá, mais praticamente, os escudos, a que terá jús, como remuneração natural da sua oportuna iniciativa.

Não os recolherá ao primeiro gesto, como quem colhe do alheio. Haverá de esperar que a planta nova prospere, que o viço das seivas de duas ou três primaveras façam, da

MANDAMENTOS DO MARIDO

Publicamos em seguida os mandamentos redigidos por uma senhora recém-casada e oferecidos ao marido, com o fim de que, êle, seguindo-os, não perturbe a paz conjugal.

I — Não me tragas amigos para jantar sem teres prevenido de manhã.

II — Não esqueças, quando exprimires um desejo, que eu tenho unicamente duas mãos, e que portanto não posso trazer-te ao mesmo tempo o casaco, os chinelos, os cigarros, os jornais, a gravata, o café e o relógio.

III — Não me estejas a repetir constantemente que tua Mãe faz as coisas e que governa a casa muito melhor do que eu.

IV — Quando tiveres vontade de ir ao teatro não tenhas a petulância de insinuar que sou eu quem está ansiosa por lá ir.

V — Não te demores até muito tarde fora de casa, e tem a bondade de, pelo menos, fingires algumas vezes que tens prazer em passar o serão em minha companhia.

VI — Não andes a passear de quarto para quarto com as botas enlameadas; tem dó dos tapetes e dos oleados.

VII — Adverte-me dos meus defeitos, mas sê indulgente com as minhas faltas.

VIII — Quando eu repreender a creada, faz-me o favor de não lhe dirigires imediatamente cumprimentos sobre a maneira como ela cozinha.

IX — Evita arrancar os botões, quando te despiras. Economizas uns segundos a despir-te, mas fazes-me perder uma hora a cozer-te os rasgões e a pregar-te os botões.

X — Quando eu te falar da mamã não torças o nariz... de modo que eu veja ou quando formos passar a noite a casa de alguém não estejas sempre a abrir a bôca com sono.

XI — Se os pasteis que eu fizer para o teu jantar não estiverem muito fôfos, não leves a tua zombaria ao ponto de pedires um machado para os cortares.

XII — Faz-me partilhar, não apenas dos teus aborrecimentos mas também das tuas alegrias, e arranja-te de maneira que eu saiba da tua vida... sem ser por intermédio dos outros.

vergôntea débil, lenho sadio e robusto que estenda a fronde mimosa e ampla sob o sol criador; mas, num belo abril, deslumbrá-lo-á a bênção risonha de tanta flor, que cedo se fará fruto saboroso e remunerador. Verá então como é fácil, e sabe bem, colher da árvore já feita, que o próprio cuidado, pouco a pouco, criou.

Comentários... Notas... Impressões...

Por Bento Formosinho

Crónica

Os acontecimentos que prendem a atenção do mundo e da vida nacional são quasi os mesmos do mês passado. E' Mussolini a formar batalhões de fascistas; o bolchevismo russo a fazer maravilhas; o Vice-chanceler da Áustria a secundar a restauração do trono dos Habsburgs. E' Hitler às voltas com o nacional-socialismo, Baldwin a substituir MacDonald. É ainda a mãe de Hanptmann pedindo indulto para seu filho; o escândalo Stavisky, e uma série de crimes no Japão, etc. etc. Quanto a nós, além da entrega do nosso submarino «Golfinho» e da questão vinícola, nada de anormal. Na nossa terra, porém, deve registar-se com satisfação a maneira como foram recebidos os milhares de excursionistas que a percorreram admirando as amendoeiras em flor e as nossas encantadoras praias. A' ilustre Comissão de Iniciativa e Turismo se deve em grande parte o êxito de tais excursões, pelo muito que tem feito em propaganda dêste recanto abençoado!

■ ■

General Oscar Carmona

O facto culminante do passado mês foi, para todo o país, a eleição do Sr. Presidente da República. Foi proposto ao súfrágio o nome prestigioso de Sua Excelência o Sr. General António Óscar de Fragoso Carmona. Razões patrióticas impuzeram a todo o português o dever de votar no homem que tudo tem sacrificado ao serviço da sua Pátria, e tem sido um exemplo nobilíssimo de patriotismo e desinterêsse através de toda a sua vida. O Sr. General Oscar Carmona com a sua inteligência, seu tacto, sua prudência e inergia, tem sabido conquistar a simpatia de todos os portugueses, assegurando uma firme continuidade à obra de ressurgimento do nosso Portugal. O Sr. General Óscar Carmona tem sido investido nas mais pesadas funções de Estado desde 1926; e êsses nove anos de trabalho sem desfalecimentos, sem hesitações, fizeram

com que o povo português votasse em Sua Excelência não apenas para eleger o Presidente da República mas também para consagrar um Chefe de Estado.

■ ■

Dr. José Leite de Vasconcelos

Esteve nesta cidade em missão de estudo o sábio arqueólogo Dr. José Leite de Vasconcelos, uma das mais altas mentalidades do nosso país. Êste venerando professor aposentado da Faculdade de Letras, ainda hoje, apesar-de quasi octogenário, percorre o país em estudos para a sua grande obra que entrou no prelo — *Etnografia Portuguesa*.

■ ■

Museu Regional de Lagos

O Museu Regional, graças à boa vontade de alguns beneméritos de Arte à frente dos quais se encontra o Sr. Dr. José Formosinho, tem adquirido ultimamente exemplares interessantíssimos, e modificado as suas instalações, facto de-veras consolador. No momento que atravessamos de indiferença e egoísmo, êste cuidado de conservar o que é precioso e em legar alguma coisa que dignifique a geração actual, é um caso que se deve registar para que fortifique e para que a fé nos não abandone.

■ ■

Andorinhas

As andorinhas, êste ano, não tardaram em aparecer. Ei-las alegremente escolhendo para sua hospedagem os beirais mais próprios. O aparecimento das andorinhas traduzia geralmente o ressurgimento da primavera, dessa primavera que enche de flores os campos e os jardins, dessa primavera que faz sorrir, dessa primavera de canto e de amor! Mas, felizmente, desta vez tal não sucedeu. Chegaram as andorinhas e com elas a chuva que tanto ambicionávamos. Foi Deus que nos quiz dar uma alegria completa.

Bem viudas sejam as andorinhas!

SAÜDADES

Por Henrique Balté

à Maria Tereza

*há tanto espaço entre nós!...
Tu, lá longe... Eu, só, aqui...
Que vale chamar por ti,
Se me não ouves a voz!...*

I

*Dizem ser isto saüdade:
Leve tom de inf'licidade
Entremeado de esp'rança...
Começa devagarinho,
Vai-se infiltrando, mansinho,
Mascarada de "Lembrança"...
Para, depois de evocar
— Sonho em noite de Luar —
Qualquer passada ventura,
Nos mostrar que já não dura!...
E sente-se então, após,
Uma angústia que sorri...
há tanto espaço entre nós!...
Tu, lá longe... Eu, só, aqui!*

II

*Saüdades! Decerto mente,
Dizendo que não as sente,
Quem uma vez foi feliz!
Eu lembro-me tanto, tanto,
Dêsses momentos de encanto
Em que, contente, sorris!
Mas, depois, sem ver ao lado
O teu ar iluminado
De meiguice indefinida
— Ar de criança e crescida —
Fico triste para aí,
Dizendo o teu nome, a sós...
Que vale chamar por ti,
Se me não ouves a voz!...*

1931

LAGOS é incontestavelmente uma povoação antiquíssima. Mas a sua origem anda envolvida em trevas, talvez impossíveis de desvendar.

Muitos escritores (1) dela se têm ocupado, transcrevendo quasi todos o seguinte:

«Laccobriga povoação

«muito antiga, foi fundada por Brigo em (1899 antes de Christo), no sitio do Paúl, onde se encontram muitos alicerces de edificios e grande porção de tijolos. Mais tarde (359 antes de Christo) por se achar destruída, foi mudada para o local onde hoje está «Lagos, por Bohodes, capitão cartaginês».

Alguns desses escritores explicam que Laccobriga quiere dizer cidade fundada por Brigo junto a um lago e por isso no Paúl. Outros presumem lendária a fundação por Brigo; afirmam contudo a sua existência no Paúl, em vista dos numerosos vestígios ali encontrados. Aceitam ainda todos que fôsse mudada para o novo local pelos Cartagineses.

Os progressos da ciência histórica já não admitem certas lendas creadas pelos eruditos. A incredulidade severa dos nossos tempos não aceita as tradições que possam ser destruídas pela análise dos factos, ou por documentos de qualquer natureza.

Vejamos pois, se teremos motivo para duvidar de que a vetusta Laccobriga tenha sido fundada no Paúl, em face das débeis razões em que estes escritores fundamentam as suas asserções.

Porque na palavra Laccobriga entra o radical — LACCO — querem esses escritores que fôsse edificada junto a um lago e portanto no Paúl.

Quanto à primeira afirmativa terão, por certo, razão.

Mas não era necessário ir tam longe procurar o lago: Toda a parte baixa da cidade desde, pelo menos, a Praça do Poço, a Praça do Cano, todo o quartizirão entre estas duas Praças, a Porta de Portugal e o Rocio de S. João, foram terrenos conquistados a um lago ou paúl, isto é, terrenos alagados.

Provas? Quando há bem poucos anos se procedeu à canalização da água, não perdi de vista os trabalhos; tive então occasião de verificar que em vários dos locais citados, à camada de entulhos se seguia uma camada de terreno indubitavelmente lodoso; e próximo da esquina da Praça do Poço, antes de tornejear para a Rua Cândido dos Reis se encontraram bastantes fragmentos de madeira e uma argola de bronze que decerto pertenceriam a um barco. Infelizmente a madeira ao contacto com o ar desfez-se, porém muita gente a viu; e a argola, talvez alguém a tenha guardada. Mas o terreno lodoso fácil é de verificar, com uma pequena escavação. A Praça do Cano ou Praça Gil Eannes era denominada em todos os documentos antigos, que tenho lido, (2) por Ribeira dos Navios. E o Rossio de S. João, ainda em nossos dias era alagado.

Mas ainda contra a primitiva fundação da Laccobriga no Paúl há argumentos de subido valor.

Brigo é um personagem lendário creado pela fantasia de historiadores antigos (post-romanos) (3), pela necessidade de explicar a terminação «BRIGA» de dezenas de cidades da Península Hispânica, na ignorância da sua significação.

«BRIGA» é uma palavra celta que quer dizer: «altura fortificada» (4), «cidade fortificada em um alto». Correspondente a «CASTRO» (derivada do latim «Castrum»).

MIGALHAS DE HISTÓRIA DA NOSSA TERRA

A LENDA DA SUA FUNDAÇÃO NO PAÚL

Pelo Dr. José Formosinho

E o Paúl não é, nem nunca poderia tersido uma altura.

Ainda, pelos estudos arqueológicos a que tenho procedido em toda a área abrangida pelas confrontações atribuídas à Laccobriga do Paúl, me foi possível verificar que todos os vestígios lá encontrados

são de feição romana.

Todos os objectos que se encontram no Museu Etnológico de Belém, em Lisboa, levados dali pelo sábio etnólogo algarvio Estácio da Veiga (5), são romanos. Como romanos são todas as moedas, tégulas, tijolos, opus signinum, etc., citados por Paulo da Rocha na sua Monografia (6),

Agora ponhamos o raciocínio em acção;

Dizem: «Destruída a Laccobriga do Paúl, Bohodes cartaginês fundou no novo local, a nova Laccobriga no Século IV antes de Christo». Dos Romanos não se encontram vestígios no Algarve antes do Século I ou II A. C.

Como é que os vestígios romanos do Paúl, indicam a existência duma cidade, que já não existia, pelo menos, 200 anos antes de os Romanos para cá virem?

Se tivesse havido uma cidade no Paúl, não seria lógico que, quanto mais não fôsse, alguns alicerces se descobrissem?

Os vestígios do Paúl são tam escassos e encontram-se tam afastados uns dos outros, que nos mostram imediatamente a sua proveniência: pequenas villæ (casas de campo) disseminadas pelos arredores, numa área de muitos quilómetros. Umas, tinham as suas piscinule de opus vermiculatum (mosaico), como o que está no Museu, (7) extraído da Bôca do Rio; outras, as teriam de opus signinum (formigão). Das primeiras ainda lá não encontrei nenhuma. Aqui e além vêem-se vestígios de um muro, tégulas, tijolos, restos de um pequeno tanque; uma ou outra sepultura e algumas moedas (7). Destas não vi que lá fôsse encontrada nenhuma anterior ao III Século depois de Christo,

Todos os escritores antigos, dão Laccobriga como cidade marítima.

Por tudo o exposto, julgo destruída pelo raciocínio a lenda da fundação de Laccobriga no Paúl.

(1) — Citando apenas alguns dos mais modernos:

— «Antiquidades de Lagos e suas Igrejas», manuscrito (entre 1717 e 1755), fls. 1 v.

— Coelho de Castro — Topographia da Freguesia de S. Sebastião, manuscrito (1756) — fls. 1

— Prior António Caetano da Costa Inglez Tombo de S.ª Maria, manuscrito (1828) — fls. 148.

— Batista Lopes — Corographia do Reino do Algarve, (1841) pag. 225.

— Pinho Leal — Dicionário — palavra LAGOS

— Paulo Rocha — Monographia das Forças Militares de Lagos, pag. 15,

(2) — Arquivo da Misericórdia de Lagos — diversos manuscritos.

Antiquidades de Lagos e suas Igrejas, etc.

(3) — Por exemplo: Floriã de Campo — Eucheridion de los Tiempos e Garybay — História de Espanha.

(4) — Dr. Leite de Vasconcelos — De Terra em Terra II pag. 36 — Arqueólogo Português I pag. 62

(5) — Estácio da Veiga — Arqueólogo Português. XV pag. 220

(6) — Monographia cit. pag. 16 e 17

(7) — No Museu Regional de Santo António de Lagos.



LAGOS — Crepúsculo na Costa de Oiro

(Foto Borlinha)

É nobre e profunda a emoção que na alma humana determina a contemplação dos grandes templos, com seus claustros de delicada arcaria, suas colunas de floridos capitéis, suas longínquas abóbadas duma grandiosidade que assombra, mas maior é a emoção de quem contempla estas arcarias irregulares, nimbadas de sol, estas colunas de rocha rendilhada, onde pousam gaivotas, tudo trabalhado pelo buril lento, mas minucioso, das erosões do mar. Quem parte do cais da Solaria, numa dessas manhãs de suave calma em que os longes da baía têm um suave tom de turquesa, a cor mais linda que eu ainda vi, e vai singrando lentamente num pequeno barco, em direcção à Piedade, cêdo ficará deslumbrado pela contemplação duma costa maravilhosa:

O céu, e o ar, e o mar mostram uma expressão radiosa. Sente-se o deleite, o suave contentamento, de quem, rodeado de plena beleza, tem a ilusão de estar vivendo num mundo estranhamente belo, em que o céu estivesse mais perto da alma angustiada do homem. O céu, os rochedos e as águas, abraçados pela mesma luz cariciosa, reflectem uma harmo-

nia inexprimível! É um milagre do sol, do bom sol português, que cansado de iluminar chalés ja-notas e peralvilhos insignificantes, parece sentir prazer em lançar mão da sua paleta tão rica, para retocar de ouro novo cada chapada de rocha, laivar de carmim cada mancha de argila, desenhar num bronze, cheio de leveza, baixos relevos naturais, bôças

escuras de grutas, e as fantasmagorias que o pensamento nos sugere, sob o domínio da emoção viva de tão estranha arquitectura.

Os rochedos destacados, sucedem-se sem cessar. Lembram, por vezes, velhas estátuas de heróis legendários, em que o definitivo da forma cedeu lugar à indecisão contornal dos penedos.

De Lagos à Piedade, que rara sucessão de aspectos, que maravilhosa polieromia, que caleidoscópio raro de cores e formas! A alta falésia na sua maior altura, mostra-nos fugidamente, num ponto ou noutro, galhos cinzentos de figueiras; e suspende, nos seus recortes, verdes tapetes de relvas veludosas que Março transforma em tenros pascos, que, por vezes, se decoram da esbelteza linda das cabrinhas espertas. Ou dos fartos novelos de lã das mansas ovelhas, dos doces tempos bíblicos. Para baixo, descem escarpas que o sol pincela de ouro e carmim nervosamente; umas, descendo a prumo, como muralhas velhas de castelos, tôrres desmoronadas, enfrentando o mar; outras, ora avançando como quilhas audazes, ora recuando em arcos brandos, abraçando,

S - PIEDADE

Leonel Vieira

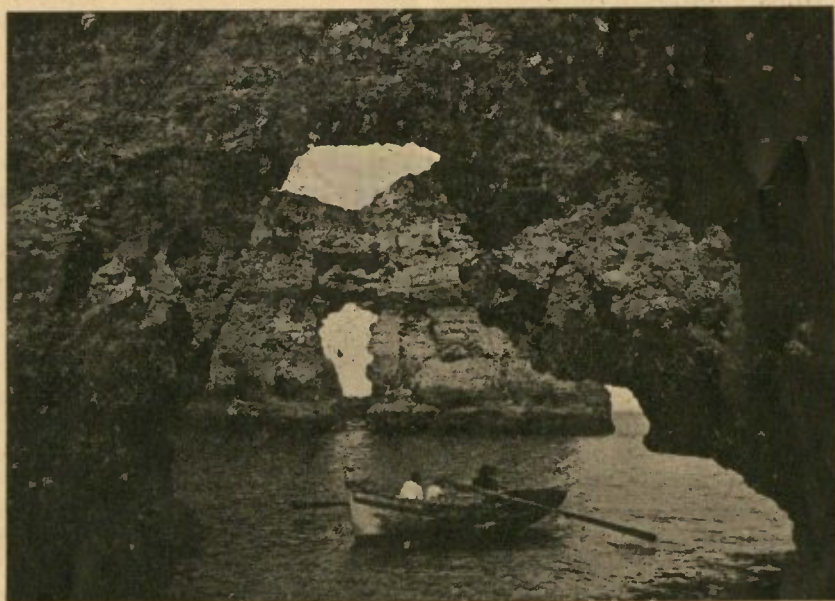
no seu recorte de arribas grandiosas, praias que são um mimo de areias finas imaculadas, não raramente prolongadas de grutas ou arcos, onde, nos momentos de bonança, as águas do mar, claras e murmurantes, se entretêm, brincando com seixos, conchas e algas!

O sol mais forte já dardeja sobre o mar um esteirão de luz. As oeres mais claras parece que chamejam. Há tons que vão do vermelho ao terra de sena, ao amarelo mais rico. Ervas bravias, fazem grinaldas de folhas nos veios brancos e húmidos da argila; e o calcário branco, que aqui ou ali aflora, retocado dos líquenes, derrama, do dorso dos rochedos, delicadas incrustações de prata velha!

O contraste da sombra e da luz dá mais realce a este conjunto raro de formas, arquitectura rica, numa louca profusão, lembrando as ilustrações geniais de Gustavo Doré no Inferno de Dante. A sombra, agora mais nítida, desenha listrões dum verde puro sobre as águas tranqüilas. E os rochedos derramam sobre eles um sortilégio de manchas violetas. Mas, note-se, a costa apareçada, cortejo grandioso de formosos rochedos, está quasi a acabar: Uma ondulação suave, mas larga, dum ritmo novo, diz que estamos quasi em pleno mar, e as arribas altas, até aqui duma expressão quasi sorridente, ganham

severidade. Uns retoques de sépia deram à rocha, mais abrupta e mais sólida, esta nova expressão; e logo a seguir toda desenhada em arcos, que o mar cavou surge a Ponta da Piedade, arquitectura sublime de arcarias bem trabalhadas, verdadeiro templo neptunino erguido sobre as águas claras, no qual se entra com a emoção de quem ali encontrasse rara catedral, em que as colunas imensas de rocha buscassem amparar a grandiosa abóbada dos próprios céus.

Diz-se que Cauchy, o matemático insigne, o virtuoso do cálculo integral, em sucessivas noites se desesperara, baseando maneira de amparar no cálculo e na análise os raciocínios puros com que pretendia provar a existência dum Deus—o infinito no bem e na beleza. Creio que estas rochas formidáveis na sua singeleza grandiosa, pelo que encerram de belo e pelo que amesquinham a nossa força petulante e o nosso tam minguado poder, melhor do que os cálculos do iluminado Cauchy nos definem, em grandiosidade infinita e em beleza inultrapassável, a obra onipotente do Criador!



LAGOS — Rochedos da Ponta da Piedade

(Foto Borlinha)

AS ESCOLAS PRIMÁRIAS

Por Jacques de Oliveira Neves

As recentes festas escolares há pouco realizadas em vários pontos do País vieram despertar-nos a atenção para o tão importante assunto das escolas primárias e sugerir-nos a ideia de a êle nos referirmos.

A escola primária é, por assim dizer, o *atelier* onde a inteligência humana começa a ser trabalhada, a receber a sua primeira moldagem e se inicia a valorização da mentalidade. Preparar consciente e moralmente o entendimento, o carácter da criança, rasgando-lhe as trevas da ignorância, educando-a nos salutareis princípios do cumprimento do dever, da lealdade e da rectidão, é função essencial da escola primária e nela se concretiza a base fundamental dessa preparação.

A educação da criança, para que o ensino alcance a mais proveitosa eficiência, carece de ser rodeada de cuidados e atenções e da adopção de preceitos que permitam o seu melhor aproveitamento. Para tanto não bastam a boa vontade, a dedicação e competência dos professores, tornando-se indispensável que a êstes beneméritos obreiros da civilização sejam fornecidos os meios com que cabalmente possam desempenhar a sua tão utilíssima e nobre missão.

Óbvio se torna enaltecer as vantagens da extinção do analfabetismo, da necessidade de aperfeiçoar o grau de cultura das classes populares, fazendo desabrochar no embrionário cérebro das crianças pela acção da luz espiritual e fecundante da instrução, as faculdades que as tornarão aptas a emprenderem honrosa e proficuamente a luta pela vida.

Cabe evidentemente ao professor primário um papel preponderante na missão de educador das populações infantis, mas essa elevada missão só poderá atingir eficazmente a sua finalidade, quando o professor disponha de boas escolas. Impõe-se como elemento primordial de uma bem ordenada educação escolar, que a instrução primária seja ministrada em edifícios apropriados, reunindo as precisas condições de amplitude, higiénicas e pedagógicas, dotados do imprescindível material e proporcionando às crianças tudo quanto possa interessar ao

seu desenvolvimento intelectual, moral e físico.

Em várias localidades se vem tratando com acendrado interesse das escolas de ensino primário, tendo obtido muitas delas, da iniciativa particular e do Estado ótimos edifícios para êsse fim. A cidade de Lagos porém, não obstante de há muito reconhecida a imperiosa necessidade de ser dotada com uma escola primária em condições de poder comportar a sua população escolar, ainda não conseguiu êsse tão apreciável melhoramento. Todos os anos ficam sem conseguirem a inscrição nas escolas primárias oficiais, por insuficiência dos respectivos edifícios, numerosas crianças que assim são privadas da instrução, constituindo mesmo verdadeiros prodígios de dedicação e perseverança dos professores primários de Lagos a forma brilhante como conseguem apresentar tão elevado número de crianças e o seu notável grau de aproveitamento, com os exíguos recursos escolares de que dispõem.

Ao fazermos estas considerações não pretendemos significar, que pelos nossos organismos locais e em especial pela digna vereação municipal este importantíssimo assunto tenha sido descurado, pois sabemos que várias *démarches* se têm realizado e formais promessas da construção dum amplo edifício escolar lhe têm sido feitas, promessas que infelizmente até hoje não têm sido efectivadas.

Há por consequência que continuar a insistir junto dos Poderes Públicos, para que essa pretensão da cidade de Lagos em prol da instrução primária da sua população infantil seja satisfeita, como é de justiça.

Em todos os ramos da actividade humana e em todos os tempos Lagos tem dado altos valores individuais que à Pátria têm prestado os mais relevantes serviços, afigurando se-nos bem legítima e digna de ser tida em consideração por quem de direito, a sua aspiração de possuir uma escola primária nas devidas condições.

Lagos, Janeiro de 1935

À HORA DO CHÁ

AS DUAS ROSEIRAS

Pelo Dr. João Leitão da Silva

Trouxe-me esta manhã, o correio, a sua carta. Antes de abri-la, antes mesmo de olhar o fino emaranhado da sua caligrafia e o formato elegante do papel, já sabia de quem era — denunciou-a o seu perfume.

São cinco horas da tarde. É a hora dourada do chá. Recordo, na névoa cinzenta deste fim de dia, a sua maravilhosa cabecinha de Boticelli e tenho a ilusão que a debruça sobre mim. Não posso estar mais tempo sem conversar com V. Sentêmo-nos no seu cantinho de almofadas e dê-me as suas mãos. Assim, converso melhor. As suas mãos de sêda branca, de dedos esguios, fidalgos e veias azues, são mãos de Senhora, de Rainha. Teem raça! São mãos para beijar. Posso fazê-lo?

Pergunta-me na sua carta porque não são as mulheres de agora amadas como as de outrora, por quem os homens de então morriam de amor. Porque não são amadas como Laura, Beatriz, Inês, a Fornarina, etc. etc. — e V. faz desfilar como uma galeria de estátuas todas as amadas célebres.

¿Porque são menos belas? ¿Porque teem menos encantos? Ah! Não! A razão é outra. Quere ouvi-la? Então oiça, e se de quando em quando me calar, não se aborreça — é porque estou vendo o cravo vermelho que é a sua boca e eu nessas ocasiões — já o sabe — não me lembro de mais nada e o que me apetece... não é falar.

À beira dum caminho, uma roseira abria as suas rosas.

Eram frescas, viçosas, perfumadas, de veludo. Perto dela, mas no alto duma rocha

a pique sobre o Mar, em sitio quasi inacessível, outra roseira havia. As suas rosas não eram mais lindas. Talvez até o fossem menos — justigadas pela viração forte. Mas os olhos dos que passavam iam-se para elas — lá tão difficil de se lhes tocar!... Nem

todos podiam lá chegar; não era qualquer que podia colhê-las. Isso valorizava-as — aumentava-lhes a beleza e aumentava a ânsia de possuí-las. E desejando-as com paixão, sem olhos para tudo o mais, seguiam sem reparar sequer nas outras que como que se ofereciam, tão fáceis de colher que era só deitar-lhes a mão, o que as desvalorizava.

.....

— E o resto? — pergunta V.

Ah! O resto?... Não sei... esqueci-me..

Vejo apenas o cravo vermelho que é a sua boca e eu nessas ocasiões — já o sabe — não me lembro de mais nada e o que me apetece... não é falar.

Mas é-lhe fácil concluir. Muitas das mulheres de hoje — ao contrário das de ontem — constantemente na rua, em bailes, nas praias, nos teatros, no cinema, no tennis, quasi nuas sempre — decotes pelo rés-do-chão, saias pelo quinto andar, braços e pernas ao léu — pintalgadas como palhaços, coleccionadoras furiosas de flirts, impacientissimas de casar para se divorciarem e tornarem a casar e assim sucessivamente, não serão como as rosas que abriram à beira do caminho, tão fáceis de colher que era só deitar-lhes a mão, o que as desvalorizava?

NOTA DA REDACÇÃO

A falta de espaço com que lutamos inibe-nos de dar continuação, no presente número, ao discurso do Ex.^{mo} Sr. Dr. Judice Cabral, o que faremos em números seguintes.

Meus me-
ninos:

A NOSSA PÁGINA INFANTIL

ram todos e
esconderam-
se, um debai-
xo da mesa,

Esta histó-
ria passou-se num tempo maravi-
lhoso que se inventou para divertimento
e distração vossa. Nesse tempo os
animais parece que falavam e viviam
com os mesmos costumes usados hoje
por nós.

Havia em certa terra da Alemanha
uma ovelha que tinha sete cordeirinhos
a quem amava muito. Viviam todos nu-
ma bonita casinha de campo. Um dia a
mãe foi à floresta procurar alimento, re-
comendando-lhes primeiro que não saís-
sem de casa pois o lobo podia vir e comê-
-los; para melhor o conhecerem preve-
niu-os que ele tinha as patas escuras e
a voz muito grossa. Pouco tempo passara
quando bateram à porta da casinha,
dizendo: Abram, meus filhinhos, já aqui
está a vossa mãisinha que traz um pre-
sente a cada um. Mas, pela voz roufenha
com que isto foi dito, os cordeirinhos des-

outro na cama, outro debaixo da cha-
miné, outro atrás da porta da cosi-
nha, outro no armário e os mais no-
vinhos, um debaixo da celha e o outro
dentro da caixa dum relógio de parede.
Mas o lobo deu com seis deles comendo-
-os. Só o que estava no relógio conseguiu
escapar. Depois de engulir os pobres cor-
deirinhos, o lobo foi para a floresta e
deitou-se a dormir à sombra duma árvo-
re. Quando a ovelha voltou e viu a porta
escancarada e a mobília toda partida e
em desordem ficou aflita. Chamou pelos
filhinhos, respondendo-lhe só o mais
novo, que lhe contou tudo. Então a ove-
lha, depois de chorar muito, foi à floresta,
encontrando o lobo ainda a rressonar. Mi-
rando-o por todos os lados, reparou que
dentro da sua enorme barriga se mexia
qualquer coisa. Correu a casa, trouxe
uma tesoura, uma agulha e linhas e, apro-

O lobo e os sete cordeirinhos

Adaptação do alemão (de Grim)

Por Maria Tereza

confiaram ser o lobo e responderam: Tu
não és a n ssa mãisinha, pois ela tem
uma voz meiga e a tua é muito rouca; tu
és o lobo, vai-te embora! Então o lobo,
pois era ele, foi a uma mercearia e com-
prou rebuçados para adoçar a voz, vol-
tando depois a casa dos cordeirinhos.
Bateu outra vez dizendo para abrirem.
Mas eles espreitando pela frincha da porta
viram-lhe as patas muito escuras e res-
ponderam: Não abrimos, a nossa mãe
não tem os pés pretos como tu: Vai-te
embora lobo! Não desistindo do seu pro-
pósito o lobo conseguiu que um padeiro
lhe puzesse massa nas patas e depois um
moleiro as polvilhasse com farinha para
ficarem brancas. Pela terceira vez foi a
casa da ovelha, e de tal maneira lhe imitou
a fala que os cordeirinhos, vendo-lhe as
patas brancas, abriram a porta. Calculem
o seu medo quando viram o lobo! Fugi-

veitando o sono muito pesado do lobo,
abriu-lhe a barriga.

Mal tinha dado a primeira tesourada,
apareceu a cabeça dum cordeirinho, e
depois de cortar mais, foram saindo todos,
ainda vivos, pois o lobo, com a sua gran-
de voracidade tinha-os engulido sem mas-
tigar. Ficaram muito contentes e num
abrir e fechar de olhos encheram de pe-
dras a barriga do monstro, tornando a
coser tudo muito bem. Depois esconde-
ram-se para o verem acordar, não demor-
ando muito tempo que ele não se levantas-
se. Cheio de sede, foi beber água a um
regat), mas como as pedras lhe pesassem
muito na barriga, desequilibrou-se e caiu,
afogando-se. E os cordeirinhos com a mãe
voltaram descansados para casa, conven-
cidos que as más ações tem sempre um
castigo.

Lagos, Janeiro de 1935

SAGRIES

Por Bento Formosinho



Ponta de Sagres

(FOTO BORLINHA)



SAGRES — Cabo do Mundo — assim lhe chamou Raúl Brandão. Mas Sagres não é só o Cabo do Mundo; é uma Maravilha do Mundo.

Este trecho encantador da nossa costa algarvia, da nossa Costa de Oiro, é a mais bela página da história de Portugal.

Esses altivos rochedos, de tonalidades severas, cortados a pique sobre um mar infinito de bravura inconsciente, parecem caprichosos rendilhados de naves dum templo antigo, que o Destino ali collocasse para nosso orgulho e fé!

Ao evocar o Promontório Sacro, passa pelo meu espirito o mais grandioso cortejo histórico do passado. Passa Gil Eannes,

Covilhan, Lançarote de Freitas e Soeiro da Costa; Bartolomeu Dias, Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral. Passa D. Fernando, o Mártir de Fex; D. Pedro, o herói das sete partidas do mundo; D. Sebastião, o vencido de Alcácer-Kibir. Passa Afonso de Albuquerque com o seu sonho imperial; D. João de Castro com o seu valor cívico e suas virtudes; e, finalmente, o grande Infante D. Henrique, e com ele todos os que têm nome na assombrosa epopeia das nossas aventuras por terra e por mar!

*.
.
. e tudo passa no
meu espirito como um sonho!*

Na ância de profundar o mais longe possível os conhecimentos sobre a origem e evolução do homem sobre a terra recorreu-se à paleontologia, que, ao mostrar-nos a sucessão das diferentes camadas em que a crosta terrestre se imbrica e se reparte, nos patenteou, no início da era quaternária, ou seja no período glaciário, os sílices lascados, testemunho do primeiro labor do ser humano no esforço de prover à sua defeza e à sua sustentação.

Possivelmente a origem do homem poderá reportar-se ainda ao período terciário, e assim distanciar de centenas de milhares de anos o seu aparecimento à superfície do globo.

As aquisições obtidas por meio de documentos escritos não vão além de 5000 a 5500 anos e são elas que definem o que se convencionou chamar a «época histórica».

O que se passou para além desse teatro, acessível ainda às nossas perscrutações, não pode dizer-se que nos seja absolutamente estranho; transmitiu-se de geração para geração, sob a forma de lendas, impressas seguramente de um fundo de verdade objectiva ou espiritualizada, mas transformadas, através o tempo, pela imaginação, pelo simbolismo religioso, pelo egotismo do homem de todas as idades, que se supõe, ele mesmo, um deus, ou um descendente dos deuses.

E' assim que as primeiras dinastias egípcias teriam sido, no dizer das lendas, constituídas exclusivamente por entidades sobrenaturais, os deuses cósmicos, formando um ciclo de nove deuses ou deusas, que circunscreviam a sua acção e influência às diferentes regiões em que o país se dividia, e que alimentavam cada uma as suas crenças, possuindo templos e santuários especiais e deuses que lhe eram próprios.

Ptah, o demiurgo, o grande deus criador, que havia formado o homem do lodo ou lama terrestre, modelando-o às suas mãos, era o deus de Menfis, a célebre cidade do delta do Nilo, chamada o pórtico dos bons, dos bem-aventurados; ao passo que na outra extremidade do país, no alto Egipto, era «Knoum d'Elephantina» que o teria fabricado de barro, modelando-o na sua roda ou pão de oleiro.

Como característica comum, as religiões dos egípcios eram impressas de um cunho de fetichismo ou culto dos animais, quer materializado nas suas formas íntegras, como para o culto do boi Apis, quer em figuras simbólicas, mixto de homens e de seres secundários. Tais eram Anubis, o embalsamador, com corpo humano e cabeça de chacal; Set e Horus, que entre si repartiam a posse de todo o Egipto, este último com cabeça de gavião e o primeiro revestindo as mais variadas formas, conforme os seres através dos quais o seu espirito se exibia.

Debaixo de um outro aspecto, pouco versado mesmo nos livros a este assunto consagrados, a religião dos egípcios destaca-se por haverem sido eles os primeiros, no dizer de Heródoto, que anunciaram «a imortalidade da alma humana». Esta imortalidade revestiria a forma de metempsicose, ou seja da passagem ou transmigração da alma através de todas as espécies de animais terrestres, aquáticos e aéreos, após a qual degradação ou exílio, voltariam de novo a alojar-se no corpo humano ou a ascender à essência divina de onde inicialmente provinham.

A Escrita

Alma do progresso. Esteio da civilização.

pelo Dr. A. J. Judice Cabral

Estas sucessivas transmigrações das almas exigiriam para se efectuar o longo período de três milhares de anos.

Semelhante crença era ao mesmo tempo abraçada pela Índia e outros povos da antiguidade; já na própria Grécia, Pitágoras ensinava que «a

alma do justo volta a encontrar-se face a face com Deus.»

A segunda dinastia não era ainda apanágio dos homens, mas de entes superiores, semideuses, Nekyes ou Mânes, divindades secundárias, descendentes, embora, dos Anubis, dos Horus, dos deuses verdadeiros. Estas tradições, que até ao começo do século passado apenas haviam aflorado ao nosso conhecimento pelo que nos diziam os livros do Velho Testamento e pelos relatos dos autores gregos e latinos, conseguiram revestir-se de de uma nova luz, cheia de revelações interessantes para a história da humanidade, com as descobertas que assinalai dessa pléiade de sábios e investigadores, tendo à sua frente Champollion e Aug. Mariette, a que agregarei o nome do francês de Rougé, dos alemães Lepsius e Brugsch e do inglês Birch, que desvendaram os segredos relativos às épocas mais brilhantes da história do Egipto: De Rougé instruindo-nos no que toca ao antigo império menfita, que abrangeu a 4.^a dinastia, à qual remontam as construções das grandes pirâmides de Giseh com a sua esfinge, obra grandiosa levada a efeito pelos faraós Khoufou, Khafrá e Menkaoura, o Mycérinus dos gregos, que as construíram para servirem de seus grandiosos túmulos.

Lepsius desvendando-nos os acontecimentos respeitantes à 12.^a dinastia ou médio império, época das mais brilhantes da história do Egipto, em que teve lugar a escavação do famoso lago Moeris que tinha por fim receber o excesso das águas do Nilo quando a cheia era muito forte, fornecendo-as às terras próximas quando o ano era seco. Foi obra do rei Amenehmát 3.^o, o mesmo que mandou construir o celebrado Labyrinto, cuja fama se estendeu por toda a antiguidade e que a história moderna não pode esquecer.

O «Labyrinto egípcio» (pois a antiguidade encerra outros labirintos erguidos em lugares diferentes) foi descrito por Heródoto que o visitou no 5.^o século antes da era cristã. Ele nos conta que se compunha de numerosas salas e de três mil quartos, alguns dos quais destinados a servir de sepulturas aos faraós e aos crocodilos sagrados. A entrada erguia-se uma pirâmide que encimava o túmulo contendo a múmia do seu fundador.

A escrita hieroglífica dos egípcios representa sem dúvida um grande progresso na estrada da civilização; não pode comparar-se porém ao formidável impulso na disseminação dos conhecimentos que lhe imprimiu a escrita alfabética obra dos fenícios, aperfeiçoada mais tarde pelos gregos, e que, graças à sua simplicidade, permitiu a mais larga difusão das conquistas sucessivas do entendimento humano.

(Continuaremos)

"COSTA DE OIRO"
foi visada pela Censura

PREFIRAM AS CONSERVAS



AS MELHORES SARDINHAS PORTUGUESAS

FABRICANTES:

Alliança Fabril Lacobrigense, Lda.

LAGOS - Portugal



"COSTA DE OIRO"

é composta
e impressa

na Tipog. Ferreira - Lagos